



JUSTIÇA DE GUIMARÃES

Orgão social e defensor das classes trabalhadoras

Publica-se aos domingos

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Pagamento adiantado	
Portugal, ilhas e colónias, por anno	750
União postal	25000
Numero avulso	10

EDITOR - JOSÉ M. D'OLIVEIRA JUNIOR

Redacção e adm. R. da Rainha, 136

TYPOGRAPHIA E IMPRESSÃO, RUA DE D. LUIZ I, 27.

ANNÚNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha	30
Repetições	20
Annúncios permanentes, contracto especial.	

ADMINISTRADOR Mathias Duarte de Macedo

O nosso ideal

Nunca é demais insistir n'um assumpto, que anda a fazer luz nos espiritos obcecados e refractarios a toda e qualquer ideia de progresso. O partido socialista, não como muitos julgam, um pardo de guerra.

E'sim de paz d'amor e de bondade; é o povo governado por si mesmo, é razão contra o absurdo, é, erim, a equidade personificada.

N'elle não ha egoismos nem ambições e a egualdade.

Perante o se programma e os seus factos todos são egua's todos teem direitos, e deveres a cumpr.

Não quere porque lhes não convem, visto, aquelles que no actual regimen se locupletam e vivem com todas as commodides, á custa de milhares de esgraçados que exgotam as suas forças em proveitosos ricos em troca de um misero salario que não che para matar a fome e resgular do frio, a si e a seus filhe

Para esse este regimen é melhor pone é egoista e porque lhes emitta gosar, esmagando o peso de inauditas iniquidades, os pobres que trabalham.

Nós não sos um partido de guerra, rque do nosso programma ella banida, e tambem, por se não condumnam os is sentimentos generosos do socialismo com as barbarices d'ella. A guerra é tre o nosso ideal é luz; e, qua elle imperar na terra, a humanidade ver-se-ha livre o espectáculo horroroso, duerra das carnificinas qu como essa do Extremo oriente, assombram e faa crer que ho-

mem é abjecto quando provoca infamias taes.

Emquanto o nosso ideal não fôr um facto, hão-de haver sempre exploradores e explorados, crimes e villanias, torpezas e lagrimas.

A cada momento nos chega ao ouyido, a noticia de mais um crime que se commette de mais uma infamia que se perpetra. Tudo isso, porém, é de esperar, attendendo á má disposição das cousas e ao estado morbido da sociedade.

E que outra causa são, se não a exteriorisação do lódo vil e mau em que tudo se atola n'este miseravel estado de cousas, todos esses crimes que, quasi sem interrupção, emocionam a opinião publica?

Alguns dizem, que quem os commette é gente sem temor de Deus e fóra da religião.

Mas então, qual a razão, porque até padres os fomentam e commettem? Tambem esses estarão fóra da religião? Talvez, e nós não o duvidamos, porque entre elles, alguns haverá que vão conhecendo a verdade e se esqueçam portanto dos convencionalismos dogmaticos.

Só o nosso ideal é puro, tudo o mais é fantochada tendente a illudir ingenuos.

Quando a razão humana se convencer d'isto, a verdadeira idade aurea, terá surgido sobre a terra.

O trabalho será o dever, a justiça a lei e a equidade a norma. A'vante, pois, pela libertação dos fracos!

Seja a paz universal um dos nossos mais caros anceios!

Tritão.

Lêr e meditar--Nós e "O Baluarte,"--Confrontos--Apreciações varias

A Historia, regista, dia a dia, as paixões em luctas deprimentes e as generosidades heroicas dos que exercem commando no grande exercito dos trabalhadores, em vôos dilatados.

Eu tenho visto, na vasta necropole do Tempo, nas lousas ou lapides funerarias que testificam a nossos olhos a piedade recommendada para aquelles que desapareceram do marulhar incessante da vida, epithaphios de bençãos, escarneos e maldições. Bençãos que são prantos de saudade e gratidão, escarneos e maldições que são o rugir de ódios espumantes, estertores de corações esmagados.

Passam diante de nós personagens typicos do passado, vergados ao peso dos seus erros e crimes! Cynicos, hypocritas e sinceros, propalando os seus atrevimentos, resando os seus egoismos, cantarolando as suas virtudes!

E eu cruzando os braços, na expectativa impolgante da scena, rio a bom rir do baquear sinistro das suas falsas theorias.

Elles querem ir longe, e vão, levar a toda a parte na bocca do bacamarte, que a bacchante lhe emprestou, a imposição do seu dominio, o contagio da sua devassidão.

D'onde vem elles? D'um lodaçal de vícios execrands, de torpezas abominaveis e de infamias ignominiosas.

Mas vem-nos pregar moral depois de terem corrompido e transformado em lódo e treva, todo o ár social.

Mas vem-nos dizer, mesmo debaixo d'esta podre, fedorenta e venenosa atmosphera, em nome da innocencia, da sinceridade e da pureza, que os operarios para quem escrevem e para a intelli-

gencia de quem appellam, abraçando decididamente o estudo das suas falsas theorias, ficarão convencidos de que ellas são hoje a unica ancora de salvação no mar revolto das tempestades sociaes!

Miseraveis embusteiros!... abjectos e despresiveis calumniadores!

Mas estão no seu papel!

Deixem que elles, com o cynismo proprio do Laudalho, com o disequilibrio do ébrio, com o nojo repugnante que nos causa as phases d'um sorvedouro, venham escarrar affrontas e injurias nas faces da humanidade, execrar, com o applauso de bandos estupidos e fanatisados, a figura sympathica do grande e inconfundivel Maximo Gorki, a gloria da humanidade, o maior caudilho das aspirações do genero humano!

E depois, que gritem por Jesus, o deus de paz e de amor, que abraçou a causa dos humildes, dos pequeninos; dos tristes e dos infelizes!

Ainda depois, que venham em nome da sua doutrina, que desperta um amor inconfundivel nos corações e illumina as consciencias, pedir a cabeça e beber o sangue do grande escriptor!

Que digam aos seus, pela trombeta d'«O Baluarte», que Gorki nada mais é no mundo intellectual do que um artista perdido pela aguardente, que desperdiça o bello tornando-o infructuoso em apologias da prostituição, do roubo, da revolta contra tudo e contra todos!

Eis aqui, meus amigos, o odio mais acendrado da batinha contra os direitos do homem, a vaidade de mentir e a força da calunnia no maior auge!

Estes phariseus, cujas hy-

palavras de Jesus verminações causticantes, fremem de raiva contra o progresso que avança, contra a grande força que tudo subjuga, contra a immensa onda que tudo avassalla; e, movidos e arrastados pelo seu grande orgulho, chegam até a cuspir na vida impoluta do manso Nazareno!

No entanto são elles os melhores conselheiros do povo ignorante, são elles os grandes, os sabios moralisadores, os maiores evangelisadores da liberdade, os mais serios respeitadores dos direitos do homem, os que não tem *vista curta*, como escarninhamente dizem—a tirada é d'elles—para verem os espertalhões, exploradores da ignorancia, sem consciencia, que se dizem liberaes!

Sublimes exemplos! abençoadas lições!

Estes homens, cegos pelo desvairamento do seu odio, não podem vêr que o progresso avance, e que os vícios da velha Roma, de que estão eivados, sejam sepultados com elles, philosophicamente, nas profundezas do Avêrno...

Diabo Negro.

A Russia d'hontem

Suspendei o vosso juizo; não são culpados. O trabalho e o crime raras vezes andam juntos.

(Continuação)

—Escutae e julgae. Chamo-me Estanislau; nos antros camponezes, como sabeis, não temos nome de familia; depois de morrer meu pai, José, chamaram-me Estanislau, filho de José. A desgraça quiz que eu nascesse nas terras de Cichocki, o mais cruel de todos os senhores. Seu filho, que está lon-

ge de se parecer com o pae, teve-me na sua companhia no paticio; pelos seus desvelos aprendi a ler e a escrever, e, como se costuma dizer, adquiri alguma instrucção. O ceu não devia favorecer-me muito tempo; o meu jovem protector partiu para Paris, e eu voltei para minha cabana, condemnado novamente ás geiras e á pobreza. Tendes certamente ouvido fallar de uma multidão de camponezes que, acompanhados por mulheres e crianças, deixaram os seus campos para irem queixar-se ao grand-duque das crueldades dos seus senhores?

—Sim, lembro-me d'esse caso horrivel: o povo indo expôr os seus queixumes ao mais atroz dos tyrannos! Que vergonha! Ainda me parece estar vendo essa multidão vociferando mil queixas contra Preszel, Proiacki e outros. Doi-me ainda o coração quando me recordo do estado deploravel dos camponezes vendidos por Bloiszevski e Wolovski.

—Pois ben! eu era do numero d'essas infelizes, e fui escolhido por elles para descrever as nossas misérias ao grand-duque. Mandaram-nos aproximar; o grand-duque lançou-me um olhar arrebatado, e disse-me:

—Por que razão vos revoltas contra os vossos senhores?

Respondi que só o desespero nos levava aos pés do príncipe, e prostando-me até ao chão, acrescentei que era nos pacíficos, saffredores e laboriosos, mas que nos era impossível supportar por mais tempo as atrocidades dos senhores e dos feitores.

Em lugar de nos consolar, o príncipe tratou-nos como rebeldes.

—Volvei para as vossas charruas e, se vos escapar o menor queixume, mandarei distribuir a cada um de vós mil açoutes, de *Kuort*.

Tal foi a justiça do Czarevitz.

—Pobre gente!... sei que vos derigisteis depois aos tribunaes; que sentença vos deram?

—Ah! a mesma que o Czarevitz. Dizem, contudo, que somos eguaes aos senhores perante a lei; nós, seus eguaes! com a differença que elles podem dar punhados de ouro aos advogados, aos escrivães e aos juizes, e nós não podemos sustentar um processo demorado sem corrermos o risco de morrer de fome.

—Na vossa aldeia tendes sacerdote?

—Como é que, na Polonia, uma aldeia havia de passar sem cura? Mas pensaes que n'ella achamos auxilio e consolação? Oh! enganamos-vos. Os curas são nomeados por proposta dos senhores, por conseguinte se tornam seus alliados e cúmplices. O que nos deixam os senhores, os feitores e o governo, o cura nollo arranca para os dizimos e outros impostos religiosos; e não contentes com a servir até ao

nosso ultimo soldo nos actos de nascimento, casamento e enterro, não poupam tambem muitas vezes a honra das nossas mulheres e a innocencia das nossas filhas.

Repellidos pelo Czarevitz e arruinados pela demanda que tinhamos perdido, fomos, pois, obrigados a tornar para debaixo do jugo e a voltar para as terras dos nossos perseguidores, onde nos esperavam novas misérias, novos tormentos.

Continua.

Carta do Porto

CASA DO POVO PORTUENSE Sessão solemne

Afim de commemorar o 5.º anniversario da sua installação, realisou ante-hontem a Casa do Povo uma sessão solemne á qual presidiu o sr. Ignacio de Souza, secretariado pelos snrs. João dos Santos Rosas e José Antonio Faria de Souza.

Muito antes de principiar a sessão, o salão do Centro Popular já estava completamente cheio, comprimindo-se os assistentes pela escadaria.

Ás 4 horas da tarde foi aberta a sessão, fazendo o 2.º presidente um breve discurso. Seguiu-se o sr. Maravilhas Pereira, que, referindo-se ao mutualismo explanou largamente as vantagens da Casa do Povo.

Em seguida recitaram poesias o sr. Constantino da Silva e os meninos Ticiano e Cesar, recitando tambem a menina Republica de Lima uma poesia dedicada por seu pae á Casa do Povo.

Na 2.ª parte do programma discursou o sr. José Maria da Conceição Fernandes, que foi recebido entusiasticamente pela numerosa assembleia, descrevendo o movimento cooperativista do nosso paiz. Recordou a memoria do fallecido general Souza Brandão a quem o cooperativismo mereceu especial attenção.

Recitaram mais algumas poesias e monologos, terminando a sessão com diversos trabalhos de cartomancia pelo conhecido prestidigitador sr. João Albino da Silva, os quaes agradaram muitissimo.

O salão estava lindamente adornado, tocando durante o acto uma philharmonica.

CENTRO SOCIALISTA DE V. N. DE GAYA

Commemorando o anniversario da Communa de Paris realisou-se no ultimo domingo, na sede d'este centro socialista, a annunciada sessão solemne.

Presidiu o sr. Joaquim Caetano d'Oliveira e Silva, secretariado pelos snrs. Manuel da Costa Junior e Domingos Pereira dos Santos.

Fallou em primeiro lugar o sr. Luiz Soares que expoz e, oque tamente o que foi esse grande facto revolucionario, seguindo-se-lhe no uso da palavra o sr. Julio Correia e

Antonio Augusto da Silva.

A sessão foi encerrada com a approvação unanime da seguinte moção:

«O Centro socialista de Villa Nova de Gaya ao commemorar em sessão publica a gloriosa data da Communa de Paris, cre que o «sangue de vencidos germina e germinará» fazendo votos pela completa victoria do povo russo em conquista da sua liberdade — da sua maxima redenção!»

A troupe «Honra e Gloria de Gaya», que tocou durante a sessão, foi muito applaudida pela numerosa assistencia.

A commemoração terminou ás 8 e meia horas da noite.

UM MANIFESTO

A proposito de uma queixa publicada no «Alarme» contra o industrial de tecidos de seda, o sr. Nogueira, por alguns operarios d'aquella fabrica (?) e como o sr. Heleodoro Salgado fosse convidado a ir á fabrica do mesmo sr. Nogueira para vér se era verdade a queixa que os operarios apresentaram e a qual diz o sr. Heleodoro é menos verdadeira por isso que os operarios o foram enganar. Agora appareceu um manifesto contra o sr. Heleodoro Salgado accusando-o de traidor dos operarios. O sr. Heleodoro, no seu jornal hoje «O Despertar» procura defender-se dizendo que o manifesto foi pago com o dinheiro da policia e que os seus auctores não são mais que uns testas de ferro da mesma.

Mas o sr. Heleodoro ignorando talvez quem sejam os verdadeiros auctores dá entenderes que sejam individuos que militam no partido socialista; ora de duas uma ou o sr. Heleodoro procede de má fé, ou ignora quem sejam os auctores do manifesto.

Pois costuma-se a dizer que: pelo dedo se conhece o gigante, e o sr. Heleodoro devia vér logo que o manifesto é obra dos *acratas* com quem communga. Nós sabemos quem elles são e v. tambem os conhece; ora o que se pode dizer é que elles nunca foram nem sao socialistas.

Emquanto ao dinheiro da policia, o sr. Heleodoro que o diz lá tem as suas razões. D'essa busca os libertarios que se defendam.

JOÃO ALBINO DA SILVA

Os trabalhos de prestidigitacao apresentados na sessão solemne da Casa do Povo Portuense, foram muito applaudidos.

Os vimaranenses já conhecem este verdadeiro artista por que em julho de 1903 esteve representando no salão artistico de Guimarães onde foi muito applaudido.

Albino da Silva, é um trabalhador incansavel que está sempre prompto a contribuir com os seus trabalhos para abrihantar as festas operarias pois generosamente abrihantou a sessão solemne da Casa do Povo.

Os nossos parabens.

Porto 21—3—905.

M. da Silva Guimarães

Congratulem-se...

Os filhos do sr. D. Carlos assistiram a uma sessão de physica, ultimamente, no col-

legio jesuitico de Campolide e foram nomeados socios honorarios de um sól-e-dó qualquer que lá existe com o pittoresco titulo de Academia Maria Santissima Immaculada.

Isto é para a gente rir até por musica.

Congratulem-se todas as camaras municipaes, juntas de parochia e associações do regimen... Venham de lá essas mensagens em verso, em prosa, em musica, em canto e até em passo de dança! Venha de lá tudo isso.

Noticiário

Criança exposta

Pelas sete horas e meia da noite, de segunda-feira, Francisco Alves Couto, casado, morador na Travessa da Cadeia, encontrou uma criança exposta no pateo da casa habitada pelo pirocho da freguezia de S. Sebastião, sita na rua d'Alegria.

Conduzida á esquadra pelo guarda de giro, juntamente com uma pequena trouxa de roupa, já usada, que era todo o seu pobre enxoval, ali foi encontrado, entre a roupa, um cartão com os seguintes dizeres:

«Esta menina deve ter o nome de Maria José e leva uma cruz d'ago, pendurada no braço direito.»

A infeliz abandonada deu entrada no hospicio dos expostos, eram oito horas da noite.

Quem é a mãe

A policia posta em campo para descobrir os auctores d'este crime de abandono, conseguiu na terça-feira de manhã, saber que a criança era filha de Delinda Monteiro de Campos, solteira, de 21 annos, natural de Fafe, moradora na Praça de Martins Sarmiento. Dirigido-se alli e interrogada a mãe que aguardava o leite, não lhe foi difficil descobrir immediatamente a pessoa que expoz a criança.

Captura

Acto continuo foi capturada Catharina Lusitana Ferreira, casada, com loja de venda de vinhos verdes na mesma Praça Martins Sarmiento, em casa de quem estava, já ha bastante tempo, a Delinda Monteiro de Campos. Na esquadra segundo informações que temos, confessou que foi ella, juntamente com uma tal *Santia*, moradora na rua de Santa Luzia, quem expôs a criança por pedido que lhe tinha feito a Delinda. As suas declarações foram reduzidas a auto.

No hospital

Devido ao estado de abandono em que a Delinda ficava com a captura da Catharina, a policia mandou recolher a Delinda no hospital.

Alli estivemos pelas duas horas da tarde, e com autorisação superior podemos fallar a Delinda que está em tratamento na enfermaria de N. S. da Maternidade:

A nossa presença causou-lhe espanto, pois que a infeliz conheceu.

Exposto o motivo da nossa visita a Delinda respondeu assim ás nossas

Interrogações

—Como se chama?
—Delinda Monteiro de Campos.
—Que idade tem?
—Vinte e um annos.
—D'onde é natural?
—De Fafe.
—Em que dia teve a criança?
—No dia 19 do corrente, pela uma hora da tarde.
—Quem foi a pessoa que ex-

pôs a criança?

—Foi a Catharina.
—Qual é o nome todo?
—Catharina Lusitana Ferreira.
—Foi ella por voto proprio que commetten o crime, ou foi vocemecê que lhe pediu para o fazer?

—Fui eu que lhe pedi para engeitar a criança.

—Sabe aonde ella a expôs.
—Não, senhor. Disse-me que a levou para a casa da *Santas*, de Santa Luzia.

—Que motivos fortes houve para engeitar a criança?

—Para que a minha familia, em Fafe, não o soubesse, pois que já teve conhecimento da outra e eu soffri grande vergonha.

—Já teve outra criança?

—Já, sim senhor. Falleceu no dia 17 do corrente.

—Teve assistencia medica?

—Sim, senhor.

—Então dois dias depois teve vocemecê o parto d'esta criança que mandou expor?

—Sim, senhor.

—E quem assistiu?

—A Catharina.

—E mais ninguem?

—Mais ninguem.

—Sabe que ella está presa na esquadra?

—Ella esta presa?!

—Está sim.

A Delinda rompe n'um choro convulso.

—Não chore. As lagrimas não remedeiam males. Sabe aonde está a sua filha, que é mesmo uma flor?

—Não senhor.

—Está no hospicio dos expostos.

—Mas a Catharina disse-me que ella estava em casa da *Santas*.

—Não está; está no hospicio.

—O enxoval que acompanhou a menina, já era usado?

—Era, sim, senhor; pertencia á menina que falleceu.

—Já aqui está ha muitas horas?

—Não, senhor; ha pouco mais d'uma.

—Então vocemecê quer isto para o jornal?

—Sim, senhor.

—Oh! mas a minha familia vae então já saber-o.

—Provavelmente.

A pobre Delinda esconde a cabeça com a roupa e chora novamente.

Nada mais nos pôde dizer e nem nós mais exigiamos.

Quantos crimes, agora perguntamos nós, d'esta natureza, se tem commettido em Guimarães, ficando os criminosos impunes?

É que a infeliz Delinda não teve a boa estrella guiadora que outras tem ou não nasceu em fôfos e armilhos...

Nota

Não para darmos satisfações, que as não damos a ninguem, mas que de momento nos apraz, somos a dizer que o redactor d'este jornal, que foi intervir a Delinda Monteiro de Campos, alli teve entrada, unica e simplesmente, com um cartão seu de identidade, no qual escreveu um pedido qualquer, para o mesmo fim, feito á irmã superiora.

A enfermaria, e durante o tempo da entrevista foi, acompanhado sempre por uma irmã hospitaleira. Ficam, pois, partidos assim os dentes á calumnia que um canalha para ali propalou. No proximo numero voltaremos ao assumpto.

Embrulho

Colocado em honrosa azeria de incontraversa superioridade, contradictorio como a vida—feixe de sorrisos e catadupa de maguas—feito magistralmente, como um crepusculo matutino suavemente pincelado por um luar

Justiça de Guimarães

de Março, sobe na azulina da estrada o campo do Proposto, o nosso heroe, de todos bem conhecido, agiota e conquistador facil de *don. ellas* de contrabando que de noite no Toural andam a flunar.

No meio cruelmente deprimido em que vivemos, prehe de servilismo, nitidamente destacamos esta figura, como no *passo* o maior judeu.

Braço dado á *m. ríposa* que o apoia sobre a face da qual volita, avido e travesso, um enxame de beijos, elles ali vão em busca de sombras...

Um policia espreita, mas não avança... recua, tem medo!...

Ha gritos de socorro; brilha o sabre ao luar.

Depois... depois... o doloroso ungrir d'uma aventura miseravel, d'um *embrulho* embrulhado.

Ouve-se cantar:

Um policia que acompanha mulher, Que a todos se fatigava a ir presa, E não chega a entrar na esquadra, E' *embrulho* com toda a certeza!

Muito bem feito, mas melhor entendido...

Assim foi.

Um guarda aggressor--Uma mulher ferida--Gritos de socorro--Grande balburdia

Ante-hontem, seriam sete horas e meia da noite, partiram gritos de socorro d'uma casa da Praça de S. Thyago, correndo logo povo e policia em tropel para o local d'onde os gritos partiam continuamente.

Laura da Conceição Soares, de 27 annos, alli moradora, estava agarrada por um guarda de policia que a socava valentemente em sua propria casa, resultando da contenda a infeliz ficar com alguns ferimentos no rosto e no pescoço, uma arrecada d'ouro amassada e parte do vestuario róto.

O guarda de giro, n.º 20, João d'Abreu Vieira tomou conhecimento do facto, acompanhando a ferida á esquadra, onde esta fez a sua queixa contra o guarda aggressor.

Pela regedoria da freguezia da Oliveira tambem vae ser dada participação contra o citado guarda.

A balburdia, no acto do conflito, não podia ser maior e os commentarios que ouvimos em nada são favoraveis ao procedimento escandaloso e criminoso do guarda em questão.

Como o novo administra-

dor, o snr. Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, nosso presado amigo e antigo condiscipulo é um cavalheiro recto e justiciero, é mais que provavel que o delinquente não fique impune, mesmo para provar que a sua administração, em principio ainda, se ha-de modelar ou reger pelo seu espirito de rectidão inquebrantavel.

Um home n mulher--Um Albino que é Albina!

No tribunal d'esta comarca acaba de liquidar-se um caso verdadeiramente interessante.

Eis o facto:

A commissão do recenseamento militar levantou auto de infracção contra o *mancebo* Albino da freguezia de S. Miguel das Caldas, filho de Antonio Martins da Cunha e mulher Maria Teixeira, por estes não participarem á mesma commissão, conforme manda a lei do recrutamento, a incursão do mesmo no recenseamento militar.

Como os paes não tivessem um filho, mas sim uma filha, preciso era provar se a filha era varão.

Para o effeito veio á mesma repartição a pobre envergonhada rapariga, que por signal era bonita a valer, afim de ser submettida a exame medico, pelos peritos facultativos, snrs. drs. Augusto Alfredo de Mattos Chaves e Joaquim José de Meira.

Os mesmos peritos que procederam ao exame medico declararam, peremptoriamente, que o recenseado era uma Albina e não um Albino!

Extraordinario!

Theatro D. Afonso Henriques

Está definitivamente resolvido a vinda aqui da celebre Companhia de operacmica do Theatro Principe Real do Porto, para dar as duas annunciadas recitas, «Os Varinos» e a «Cigana» nos dias 29 e 30 do corrente, n'este theatro.

Outro crime de infanticidio?

Um dos nossos collegas da redacção, tendo conhecimento do caso de que hoje vamos tratar minuciosamente, pediu immediatamente para S. Clemente de Sande a tempo ainda de poder interrogar a Rosa Mendes e algumas testemunhas que na esquadra vieram depor sobre o caso em questão.

Eis o que entre elle se passou e a referida Rosa Mendes, solteira, de 27 annos, moradora alli no lugar do Tapado.

Dizem que a senhora teve ha poucos dias uma criança e que lhe deu destino desconhecido?

—Não tive criança nenhuma.
—Mas a sua vizinha Maria Ro-

sa afirma que vo á andava grávida!

—Não andei, não senhor.

—Outro seu vizinho de nome Manuel Gomes diz saber que voce mece á and-va grávida e que nunca lhe viu o filho!

—São meus inimigos.

—Olhe que seu senhorio, um velho de 70 annos, o snr. João Marques, é tambem unanime em affirmar o mesmo!

—Já lhe disse, senhor, que isso é pura mentira.

—Bem. Sua irmã Angelina tambem diz que lhe avou uma culpa com grandes manchas de sangue.

—Tive um *estancamento*.

—E quando teve esse *estancamento*?

—Foi nos principios de Fevereiro.

—Eu posso affirmar-lhe que voce mece teve uma criança n'esse tempo. Ha pessoas de familia que provam o facto.

—E que tem lá isso?

—É uma coisa muito natural.

—Era menino ou menina?

—Não pude ver.

—Nasceu morto ou vivo?

—Morto...

—Parece-me não ser isso a expressão da verdade!

—É verdade.

—Olhe que talvez a grande miseria em que vive a levasse a matar a criança.

—Não senhor, eu não matei meu filho.

—Vonde está enterrado?

—Não sei.

—Sei eu. Dizem-me que está enterrada na bouca. O Corpante, parece-me que é filho da Maria Rosa, diz ter ouvido isso a um dos seus pequenos.

Vocemecê na policia é obrigada a prestar declarações sobre este caso, e quando engine os agentes ou o chefe, agrava a sua situação.

—Está enterrada no campo, junto ao rego e tendo muito proximo uma vide e uma pedra.

Não se poderia dar o facto de voce, mesmo sem querer, matar a criança por apertões que lhe deu, quando no ventre e quando se debriçava sobre o *orgão* do seu para atar qualquer fio partido?

—Foi assim. Eu tinha que trabalhar.

—Bem, nada mais quero.

Na policia as declarações foram muito outras, as quaes já demopublicidade, mas que as hoje repetimos, pois que as ouvimos ás proprias testemunhas que assistiram e assignaram as suas declarações.

(Continua)

Crime de Sobreposta

Uma força composta de 12 guardas e um cabo de policia de Braga, esteve n'uma das ultimas noites da semana finda, em Terras de Bouro, por haver denuncia de que, na freguezia de Chorense, se encontrava refugio lo o assassino José da Cunha, que, em Sobreposta assassinou a galpes de sachola, o carandeiro João Barbosa Machado, de Santa Leocadia de Briteiros.

A policia averiguou que o criminoso esteve oito dias hospedado em casa do proprietario Antonio Gonçalves, de Chorense, mas que se invadiria poucos horas antes da policia alli chegar.

Cá e lá a criminoso protecção dispensada ao assassino!

Guimarães na Rua

É o titulo d'uma nova revista em 3 actos e 9 quadros que o nosso collega da redacção, o snr. José Fer-

reira, está enviando para um grupo de academicos levar á scena no Theatro D. Afonso Henriques.

O primeiro acto já está concluido e já foi entregue á commissão para entrar em ensaios.

Guimarães na Rua é uma peça de costumes da vida vimaranense, escripta com sensacional verdade, aproveitando o auctor, para o effeito, logare, typas, scenas episodios e factos notaveis, demasiadamente conhecidos do publico, de recente data.

O primeiro acto passa-se na Praça do Mercado e o segundo n'um salão nobre bastante conhecido.

A musica que é lindissima está sendo escripta e coordenada por um distincto professor.

Nada menos de seis numeros de musica adornam o primeiro acto.

Anniversarios

No dia 18 do corrente o centro Socialista d'esta cidade solemnizou o aniversario da Communa de Paris com uma sessão solemne. Presidiu a esta sessão o nosso camarada Raphael da Rocha, Guimarães secretario pelo camaradas João de Macedo e Seraphim de Freitas. Aberta a sessão foi concedida a palavra aos camaradas José Salgado, Seraphim de Freitas, Albino Bastos, Manoel Ferreira, Luiz Garcia Martins, Fernandes e Alvaro Pinto Carreira referindo-se todos brilhantemente ao acto que se solemnizava. Antes de encerrar a sessão foi recitada por um nosso camarada uma poesia intitulada «A Fome e os Operarios» senio em seguida encerrada a sessão.

Realisou-se hontem a festa do aniversario da sua instalação a Associação de Classe dos Operarios Curtidores e Sarradores de Guimarães.

No proximo numero daremos noticia circunstanciada d'esta festa.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Passou na ultima quarta-feira o aniversario natalicio da gentil menina D. Maria Antonia Coelho da Motta Prego, extrema-filha do snr. dr. Antonio Coelho da Motta Prego, distincto e usidico no fôro vimaranense.

As nossas felicitações.

Manuel de Freitas Aguiar

Do Porto, onde esteve a proceder a lavagens da bexiga, regressou a esta cidade, o sr. Manoel de Freitas Aguiar.

Os protestantes em Guimarães

Dizemos no numero passado do nosso jornal, que ia-mos responder a um artigo assim epigraphado, publicado no «O Balmarte». Devido á precipitação com que escrevemos a local commette-mos esse lapso, pois que nós nada temos com os protestantes, mas sim com as coisas que só se referem a interesses operarios, não entrando em linha de conta crengas ou doutrinas de qualquer religião.

Respondemos, hoje, sim, ás *Cartas a Operarios*, publicadas no referido jornal, por em nada concordarmos com a sua exposição.

Vae em segundo artigo escripto pelo nosso camarada da redacção *Diabo Negro*.

D. Ana Juncilla á rua

Pelas onze horas da manhã de domingo, caiu da janella á rua da casa n.º 1 e 2 da Praça de S. Thyago, a menina Rosa Pontes, de 10 annos de idade, filha de Loduvina Pontes.

Recebeu apenas varias contusões no corpo.

Ao menino e ao borracho Põe-lhe Deus a mão por baixo!

CANTOS OPERARIOS

Curva-te millionario
Vai o enterro a passar
Do que morreu trabalhando
Para a familia sustentar

1.º GLOSAS

Doita ó vil explorador,
Um olhar de compaixão,
Para o humilde caixão,
Onde jaz o trabalhador,
Tua riqueza esplendor,
São obra do proletario,
Foi o suor do operario,
Que te fez capitalista!
Ante o cadaver do artista,
Curva-te millionario.

2.º

Sê coadistente num instante,
Descalça essa fina lúva,
Soccorre a pobre viuva,
Carinhosa esposa amante,
Vê seu pallido semblante,
Vae-lhe o prado enxugar,
Dá conforto áquelle lar,
Onde pivou a negra morte!
Dum desprotegido da sorte,
Vai o enterro a passar.

3.º

Tu que vives na opulencia,
Condôe-te de seus filhinhos,
Educa os orphãosinhos,
Escuta a voz da consciencia,
A prostração e demencia,
Esses cutes estão mirando,
Com a Miséria intando,
Já sem vislumbre d'espranca!
Eis aqui está a herança,
Do que morreu trabalhando.

4.º

Homem d'instinctos malvados,
Tu não os queres socorrer,
Porque sempre esperas ter,
Operarios, manietado!
Os trabalhadores honrados,
Ergam-se vto protestar,
Vão ao burguez, relembrar,
A victim ja esquecida,
Que trabalhou toda a vida,
Para familia sustentar.

Associação de Classe dos Operarios Fabricantes de Calça lo de Guimarães

Convite

São convidados todos os socios d' esta Associação a comparecerem na rua de Villa-Flôr, d'esta cidade, hoje, domingo 26 de corrente, pelas 9 horas da manhã, afim de proceder-se á eleição dos corpos gerentes, para o corrente anno de 1905.

Guimarães, 16 de Março de 1905.

Pela commissão fundadora
O Presidente

José Machado Guimarães.

SERRALHERIA CIVIL E MECHANICA

—=DE=—
DOMINGOS VILLA NOVA GUIMARÃES

84—RUA DE SANTO ANTONIO—88

GUIMARÃES

Encarrega-se de toda a obra de ferro fundido e forjado, assim como novas para poços de melhor systema de canecos, bombas de picote e pressão, fusos para lagares e emprensas Maris. Fogões para carvão e lenha systema aperfeiçoado, ferragens para a construção civil, grades fundidas e forjadas e portões, o qual para isso tem um completo mappa de desenhos no qual o freguez pôde escolher. Assim como faz toda a obra de ramadas, as quaes vendem a 55 r is o kilo. Cofres á prova de fogo, camas, bidés, lavatorios, colchões e encanações para agua, etc.

Preço sem empeneira.

Ourivezaria e Relojoaria

DE

Alberto Cezar

Transacções e concertos em ouro, prata e relógios. Especialidade em artigos de novidade nacionaes e estrangeiros.

93 — RUA DA RAINHA — 95

GUIMARÃES

Atelier Photographico

José dos Santos Carvalho

OPERA-SE TODOS OS DIAS E COM TODO O TEMPO

DESDE AS 9 HORAS DA MANHÃ ATÉ ÀS 5 DA TARDE

Conserva-se os clyxés para repetições

Rua de Santo Antonio — GUIMARÃES



OFFICINA DE RELOJOARIA

— DE —

MATHIAS DUARTE DE MACEDO

RUA DA RAINHA, N.º 136

—=GUIMARÃES

Encarrega-se de todos os concertos concernentes á sua arte

Manual do Operario

Bibliotheca d'Instrução e Educação Profissional

DEDICADA AO

OPERARIADO PORTUGUEZ

Condições de assignatura

Cada caderneta de 2 folhas com 16 paginas, contendo duas materias d'arte, illustradas com boas gravuras no texto e uma estampa lithographica a uma ou mais cores,

50—REIS—50

Assigna-se em casa de Mathias Duarte de Macedo

RUA DA RAINHA, 136—GUIMARÃES

A' loja do preto

DA VIUVA DE

Arthur Joaquim Rebello

Rua de S. Damaso

(ESQUINA DO CAMPO DA FEIRA)

GUIMARÃES

Acreditado estabelecimento de mercearia com variedade sortido de generos alimenticios de 1ª qualidade. Especialidade nos puros e saborosos cafés MOKA e S. THOME; aquelle ao preço de 850 reis, e este para 700 reis, cada kilo, moído á vista do freguez, e em machinas especialmente adquiridas para tal fim. Estes saborosos cafés por moer, terão o abatimento de 20 reis em kilo.

A' loja do preto

AGUARDENTE DE VINHO

Vende-se na mercearia

FREITAS

à Porta da Villa

Guimarães

THYPOGRAPHIA DA Justiça de Guimarães

Rev. de D. Luiz I, 27

GUIMARÃES



JOAO CARLOS DE CARVALHO
LEBEGUERO PRESIDENTE
GRANDE HOTEL DO TOURAL
GUIMARÃES
DEVIDAMENTE AUCTORIZADO PELA COMPANHIA DE LUZ ELECTRICA DE GUIMARÃES
CORRENTE DA COMPANHIA INSTALACOES COM
Encarrega-se de toda a classe de installações electricas, campainhas, telephones, para-raios, luz electrica, motores a gaz, pebre, benzina, alcool, machinas de vapor, turbinas, etc. etc.
—=ORGANIZAMENTOS E PROJECTOS GRATUITOS

Nova officina de familiaro
Alvaro Pinto de Figueiredo
Nesta officina faz-se toda a obra pertencente á sua arte, assim como encanamentos de chumbo, de cobre e cano de ferro galvanizado. Encasquilha a metal branco ou amarello toda a ferragem pertencente a trens. Preços moedicos. Trabalhos garantidos.
RUA DE CAMOES 8 12.
GUIMARÃES